

revista
EDUCAÇÃO ESPÍRITA

Ano 2 - Número 11 - Novembro / Dezembro de 2025



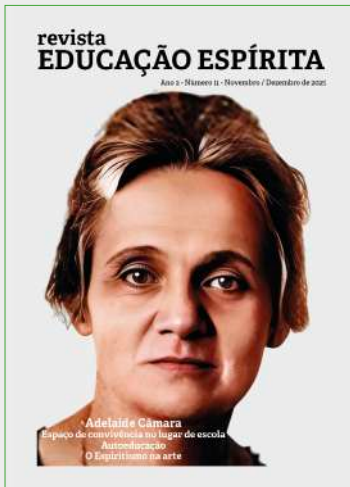
Adelaide Câmara

Espaço de convivência no lugar de sala de aula

Autoeducação

O Espiritismo na arte

SUMÁRIO



REVISTA EDUCAÇÃO ESPÍRITA

Ano 2, Número 11 - Novembro / Dezembro de 2025

Editor-Chefe

Marcus De Mario

Projeto Editorial e Diagramação

A. J. Orlando

Contatos

Whatsapp/Telegram (21) 9.9397-1688

E-mail: revistaeducacaoespirita@gmail.com

Acesse a revista em

<https://www.juventudeespirita.com.br/category/revistas/revistaeducacaoespirita>

A *Revista Educação Espírita* não pertence a nenhuma instituição, sendo trabalho coletivo realizado por educadores espíritas.

Distribuição gratuita.

Colaborações enviadas e não publicadas não serão devolvidas. Reservamos o direito de publicar somente o que estiver de acordo com a linha editorial.

Editorial 3

Entrevista: 4
Sandra Borba Pereira

Estante Espírita 9

Espaço de convivência no lugar de sala de aula 10

Educação, Espiritualidade, Inteligência Artificial e o risco da desculturação: um desafio do século XXI 13

Eurípedes Barsanulfo e Carolina de Jesus 17

Autoeducação 19

Adelaide Câmara 22

Atividade prática: Uma outra forma de trabalhar na Evangelização Infantil 25

O Espiritismo na arte 27

Divulgando 30

Pensando a educação 31

Colaboradores deste número

Adalgiza Campos Balieiro

Léon Denis (in memoriam)

Lucas Evangelista

Marcus De Mario,

Orson Peter Carrara,

Sandra Borba Pereira

Solange Araújo

EDITORIAL

Quando da chegada do Natal, onde deveríamos nos encantar com as sublimes melodias do Evangelho, a dessedentar nossa alma sequiosa de novas perspectivas de vida, conforme os ensinamentos morais de Jesus, constatamos que muitos já perderam a esperança ou estão com a consciência nublada e o coração ressequido pelas ideias materialistas. Então, reconhecemos que a educação não tem feito o que dela se espera, substituída que foi pela instrução, transformada em monstro selvagem das aquisições culturais, da exacerbação da inteligência, mas sem o correspondente trabalho de sensibilização do sentimento, do desenvolvimento das virtudes.

Contudo, não somos desamparados pela misericórdia divina, que de tempos em tempos, por toda a Humanidade, envia seus apóstolos para que a mensagem evangélica seja lembrada, e esses apóstolos, não apenas encarnados, mas sobretudo desencarnados, na figura dos Bons Espíritos, falam através da mediunidade abençoada, qual é estudada pelo Espiritismo, trazendo-nos alertas, advertências e roteiros que visam nossa autoeducação, nosso aprimoramento moral, nosso crescimento espiritual, conclamando-nos para unir esforços pela educação.

A *Revista Educação Espírita* tem procurado, unindo educadores espíritas que voluntariamente dão sua colaboração, iluminar as consciências e sensibilizar os corações para a urgência da educação moral na família, na escola e no centro espírita, como tão bem nos esclarece Allan Kardec nas páginas da Codificação Espírita.

Precisamos orientar as crianças – Espíritos reencarnados – para serem pessoas do bem, que pensem e trabalhem pelo bem de todos, implantando na Terra a fraternidade e a solidariedade, a fé e a esperança, a caridade e a humildade. É um processo educacional do qual não podemos mais nos eximir, cabendo aos espíritas um grandioso trabalho, pois somos cientes da realidade imortal da vida e da lei divina de progresso.

Que as bênçãos do Mestre Jesus recaiam sobre você, que está diante desta edição da REE, no nosso sincero desejo de paz em sua vida e de oportunidades de construção do bem neste mundo terreno.

Ouçamos o canto dos anjos celestiais e trabalhem para a renovação mundial: Paz na Terra aos homens de boa vontade!

Boa leitura!

Receba meu abraço fraterno

Marcus De Mario

Marcus De Mario
Editor-chefe

Entrevista: Sandra Borba Pereira, um olhar sobre a educação na visão espírita

Redação



Sandra Borba Pereira

À Escola também cabe o papel de educação moral no âmbito dos valores fundamentais para a construção de uma ordem social baseada na fraternidade, como nos lembra Allan Kardec em Obras Póstumas. A violência escolar, o bullying, o desrespeito entre os agentes escolares clarificam a necessidade urgente de uma educação voltada para o respeito, a solidariedade, a gentileza, dentre outros valores que podem ser debatidos e vivenciados no ambiente da educação formal.

Temos a grata satisfação de trazer para a REE, entrevista inédita concedida pela educadora espírita Sandra Borba Pereira, que gentilmente aceitou ao nosso convite para uma conversa sobre alguns temas educacionais à luz do Espiritismo. Vamos, então, passar a palavra a ela, que nos traz úteis aprendizados e reflexões.

Qual é a contribuição que o Espiritismo pode dar à educação?

O Espiritismo possui incontáveis contribuições à educação. Sua contribuição mais original, sem dúvida, é a visão do educando como Espírito Imortal que possui um ontem e um amanhã, transitando através de cenários de aprendizagem - as reencarnações - tendo como objetivo o aperfeiçoamento intelecto-moral. Trazendo seu

patrimônio pretérito expresso em inclinações, interesses, aptidões etc, o homem/Espírito Imortal apresenta especialmente no período infantil, maior receptividade às influências que recebe tanto mais salutares e de resultados positivos quanto mais se direcionem à aquisição de bons hábitos e internalização de valores em harmonia com a Lei Divina ou Natural. Essa educação para a plenitude do ser atenderá ao que Jesus define como o SEDE PERFEITOS (Mt 5:48).

No entendimento de Allan Kardec somente a educação moral pode destruir o egoísmo. A educação moral deve ser promovida apenas pela família, ou também pela escola?

A Sociedade deve ser educativa no sentido de agir de modo a auxiliar os seres humanos em seu processo evolutivo integral visando

o bem estar de todos. À família, sem dúvida, compete a máxima função educativa dos novos membros sociais por se constituir um ambiente formativo do caráter das novas gerações. A educação para a civilidade, a educação intelectual e profissional são importantes ações na família, mas a educação moral, aquela que se destina ao cultivo dos valores necessários à convivência fraternal, é urgente sobretudo em um período de tanto estímulo ao individualismo, ao orgulho e ao preconceito. Aos pais cabe essa tarefa gigantesca na grande obra de apoio mútuo que todos temos na construção de um mundo melhor. À Escola também cabe o papel de educação moral no âmbito dos valores fundamentais para a construção de uma ordem social baseada na fraternidade, como nos lembra Allan Kardec em Obras Póstumas. A violência escolar, o bullying, o desrespeito entre os agentes escolares clarificam a necessidade urgente de uma educação voltada para o respeito, a solidariedade, a gentileza, dentre outros valores que podem ser debatidos e vivenciados no ambiente da educação formal.

Podemos entender a evangelização promovida pelos centros espíritas como sendo ensino religioso, ou na verdade ela faz parte da educação do Espírito, num processo mais amplo?

Depende do conceito de religião. Se entendemos religião como caminho da criatura em direção ao Criador e no cuidado que essa relação implica na vivência diária, a evangelização teria, sim, um sen-

tido religioso em sua ação junto a crianças e jovens. No entanto, por se constituir numa ação que busca proporcionar uma formação doutrinária em seu tríplice aspecto (ciência, filosofia e religião), a evangelização é principalmente voltada para o homem/Espírito Imortal em sua dimensão de ser integral, não se fechando em normas e práticas de cunho religioso no sentido restrito, mas buscando a formação do homem de Bem, consciente de sua origem e destinação.

São muitos os desafios na educação dos filhos, com a reencarnação de Espíritos muitas vezes rebeldes e desafiadores. Como os pais devem proceder para a correção dos maus hábitos desses Espíritos, ao mesmo tempo em que trabalham para torná-los pessoas do bem?

O Espírito Agostinho no cap. XIV de O Evangelho Segundo o Espiritismo, na instrução denominada A Ingratidão dos Filhos e os Laços de Família nos diz que os pais devem observar desde cedo a manifestação dos instintos que os filhos apresentam desde pequenos a fim de trabalhá-los visando à superação dos maus pendores e à estimulação dos bons hábitos. Wiliam Damon, pesquisador norte-americano na área de comportamento humano e educação moral nos apresenta três princípios: limites, disciplinas e desafios. Se esses princípios forem vivenciados num ambiente dialógico e afetivo onde se busque a arte de ouvir e de “negociar” proporcionaríamos conquistas positivas para todos os

membros da família. A construção de memórias felizes e de bons hábitos complementaria essa resposta sem deixar de lembrar aos pais que somos todos irmãos, filhos de Deus e que nem sempre os resultados bons se manifestam imediatamente. Somos, porém, semeadores da eternidade.

Olhando para a escola, onde percebemos muitas vezes um conflito entre professores, alunos e pais, como a Doutrina Espírita pode auxiliar educadores e educandos nesse contexto de aprendizados e preparação para a vida?

Pessoalmente penso que a escola deve ser laica. No campo dos valores, no entanto, a Doutrina Espírita, outras expressões religiosas voltadas para o Bem, a filosofia, as ciências do comportamento, dentre outros campos do conhecimento podem contribuir em programas educativos que trabalhem valores voltados para a construção de uma cultura de paz, fraternidade e tolerância. Nesse sentido, pais, professores, gestores, funcionários e os próprios alunos além da comunidade podem ser as “cartas vivas” do conteúdo espírita pelas atitudes assumidas nas relações escolares. Podemos ser os “diferentes”, os que assumem a ousadia de demonstrar os valores do Evangelho à luz dos princípios fundamentais da Doutrina Espírita.

Podemos considerar Jesus como um educador? É possível aplicar seus ensinamentos na educação das novas gerações?

Clemente de Alexandria deno-

minou Jesus de “o pedagogo da Humanidade” que por seu exemplo e seu ensino nos proporcionou os princípios eternos da educação e da conduta humanas. Ele é o educador excelente e uma rápida visão sobre sua pedagogia apresentamos no artigo Uma introdução à proposta pedagógica de Jesus, seus princípios norteadores e práticas de ensino, publicado em nosso livro Reflexões Pedagógicas à Luz do Evangelho, edição de 2009 da Federação Espírita do Paraná. Nesse artigo, que no livro é o primeiro capítulo, exploramos principalmente os princípios norteadores, fins e objetivos gerais, conteúdo, princípios de aprendizagem, métodos e procedimentos, recursos, linguagem didática, avaliação, relação mestre-discípulo. Todos esses aspectos podem e deveriam ser inspiração para a ação evangelizadora e educativa, de modo geral pela sua atualidade e conexão com orientações da moderna Pedagogia. Pelo nosso espaço reduzido aqui ressaltamos especialmente a linguagem do Mestre que parte do contexto existencial do ouvinte, o uso das parábolas e elementos da cultura nos Seus ensinamentos, a relação afetiva com os discípulos e a multidão, o constante estímulo à vivência transformadora, a avaliação como instrumento de autoconhecimento, como grandes contribuições da Pedagogia Crística para os dias de hoje e para sempre.

Olhando para o futuro da humanidade, o que está faltando para termos mais justiça social e respeito ao próximo? Teremos

desviado, ao longo do tempo, a educação da sua finalidade?

A fraternidade deve ser a base de uma nova ordem social, assevera o Codificador. Ao longo do tempo temos manifestado o egoísmo e o orgulho em várias expressões de exploração, opressão e exclusão de indivíduos e grupos, gerando injustiças e desigualdades profundas. Creio com Kardec que no dia que nos entendermos como irmãos, filhos de um único Deus, superaremos os preconceitos que nos separam e poderemos construir uma sociedade mais pacífica e igualitária em termos de oportunidades de acesso à educação de qualidade e de responsabilidade social para com todos, sem exclusões. Só uma educação voltada para a plenitude do ser e para a fraternidade poderá nos conduzir a isso.

Você acredita que os dirigentes espíritas estão conscientes que o Espiritismo é essencialmente uma doutrina de educação? Qual é a sua avaliação dos esforços do movimento espírita pela educação?

Pelo avanço dos espaços destinados à ação evangelizadora no nosso Movimento, sou otimista quanto a isso, mas há muito o que fazer ainda para superar os atavismos e as práticas engessadas no âmbito de muitas casas espíritas. A Doutrina Espírita é eminentemente educativa e a casa espírita deve ser o educandário e a escola onde o programa educacional do Espiritismo deve ser vivenciado em todas as suas atividades. Sentimos da parte de muitos trabalhadores da área da evangelização o esforço

Historicamente encontramos grandes exemplos, mas o acesso ao conteúdo do Espiritismo deve se dar na família, na Casa Espírita e através das atividades do Movimento Espírita.

de integrar os dirigentes nessa tarefa. Além disso os grupos de estudo se multiplicam: ESDE, EAD, Grupos de Estudos das Obras Básicas e de autores como Emmanuel, Joanna de Ângelis e André Luiz, dentre outros. Há muito o que fazer, mas há todo um esforço de dirigentes e trabalhadores espíritas de fato comprometidos com o aspecto educacional da Doutrina Espírita que nos oferece um roteiro para aquisição de conhecimentos, valores e propósitos que nos tornarão pessoas de Bem. Ampliar as ações educativas da Casa Espírita e procurar sempre a qualidade dessas ações pela formação dos evangelizadores e coordenadores de estudo é o caminho para o alcance dos objetivos da Doutrina Espírita em sua feição educativa.

No seu entendimento, seria viável a existência de escolas regidas pela filosofia espírita da educa-



ção, ou seja, a chamada escola espírita?

Sinceramente tenho muitas dúvidas a respeito disso já que opto pela escola laica. Muitos fatores teriam que ser analisados para se avaliar a viabilidade ou não de tal empreitada. Historicamente encontramos grandes exemplos, mas o acesso ao conteúdo do Espiritismo deve se dar na família, na Casa Espírita e através das atividades do Movimento Espírita. Quanto à educação formal, cabe ao Governo em seus diferentes níveis, proporcionar o acesso universal à escola e aos saberes socialmente construídos.

Para finalizar, perguntamos: é a educação do Espírito o caminho para solucionar os males da sociedade humana?

É a educação para a plenitude do ser visto como Espírito Imortal que conduzirá indivíduos e grupos à superação do egoísmo e do

orgulho, ao caminho da verdadeira transformação moral que nos tornará uma família humana integrada aos princípios da vida, em harmonia com a Lei de Justiça, de Amor e de Caridade. Então reinarão a paz, a concórdia e a fraternidade legítima. Aqui está a obra a ser realizada por cada um e por todos nós.

*Sandra Borba Pereira é Doutora de Fundamentos da Educação, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Expositora e evangelizadora espírita, é ex-presidente da Federação Espírita do Rio Grande do Norte. Atualmente, é coordenadora adjunta de Infância da área de Evangelização Infantojuvenil pelo Conselho Federativo Nacional da Federação Espírita Brasileira. **REE***

Estante Espírita

CONSTRUINDO DIAS FELIZES

CLÁUDIA JOHANN SCHOLL

Este livro oferece reflexões sobre a educação dos sentimentos, convidando o leitor para uma imersão na jornada do autoconhecimento e oferecendo propostas práticas para o aprimoramento moral. Com uma linguagem sensível e acessível, a autora mostra que a felicidade não é um destino, mas uma construção diária, feita de escolhas conscientes, pensamentos elevados e atitudes voltadas ao bem. A obra nos convida a assumir o protagonismo da própria vida espiritual, enfrentando os desafios com coragem, fé e confiança na Providência Divina. O livro orienta o leitor a cultivar a paz interior, desenvolver a gratidão e buscar a harmonia nos relacionamentos. *Fergs Editora – 284 páginas*



OS DESAFIOS DA EVANGELIZAÇÃO ESPÍRITA

CEZAR BRAGA SAID

Todos nós, em alguma medida, em algum lugar e ao nosso modo, somos semeadores. Nesse imenso campo a ser semeado, pode ser que a aridez do solo não seja convidativa, o sol inclemente ou o frio seja desanimador. Neste contexto, a evangelização é instrumento fundamental para preparar os futuros trabalhadores do bem, oferecendo lições e diretrizes que os levam ao esclarecimento e à construção de uma frente capaz de lidar com os desafios do mundo, amparados pelos ensinamentos cristãos. Este trabalho aborda os desafios deste processo e apresenta valiosas reflexões acerca da evangelização espírita, envolvendo seu lado teórico e prático.

FEP Editora – 156 páginas



A EVANGELIZAÇÃO DE PORTAS ABERTAS PARA O AUTISMO

LUCIA MOYSÉS

O transtorno do espectro autista vem apresentando grande crescimento nas últimas décadas. Os reflexos desse aumento já se fazem sentir nos centros espíritas, sobretudo na evangelização de crianças e jovens. A presente obra procura trazer, de forma clara e objetiva, o conhecimento científico básico sobre o transtorno do espectro autista, conciliando-o com a prática da ação evangelizadora infantojuvenil. Exemplos do cotidiano, bem como depoimentos de mães de crianças e jovens com o TEA enriquecem a leitura. Lucia faz uma rica análise da questão desse transtorno à luz dos ensinamentos codificados por Allan Kardec.

Editora EME – 192 páginas



Espaço de convivência no lugar da sala de aula

Em nosso entendimento o educador não deve dar aula, deve ser um facilitador, incentivador e orientador, levando o educando a querer saber e aprender, permitindo que ele desenvolva seu potencial, tanto intelectual quanto emocional, afinal o educando é um espírito reencarnado, e não podemos esquecer desse enunciado que nos é feito pela doutrina espírita.



Marcus De Mario

Por que não iniciar a atividade educacional com uma contação de história, feita pelo educador ou por um educando, e na sequência deixar os educandos, juntos e misturados, realizarem atividades, a partir do conteúdo da história, utilizando as mais diversas expressões artísticas e culturais, sendo essas atividades desenvolvidas individualmente ou em grupos? Por que não aproveitar a riqueza dessas expressões numa roda de conversa, contextualizando os aprendizados diante da vida, das expectativas e dos sonhos? Por que não permitir que os educandos pensem, questionem e demonstrem seus interesses e suas dúvidas? São questões instigantes para todo e qualquer educador, não é mesmo? E quem

Marcus De Mario é educador, escritor e palestrante. Coordena o Grupo de Estudo Espírita Seara de Luz, do Rio de Janeiro. É editor do canal Orientação Espírita no Youtube. Autor de 35 livros publicados.



foi que disse que o educador não precisa pensar, questionar, estudar e experimentar, estando pronto a fazer mudanças, a realizar transformações pedagógicas? É essa dinâmica que vislumbramos para a educação na escola espírita de evangelização.

Em nosso entendimento o educador não deve dar aula, deve ser um facilitador, incentivador e orientador, levando o educando a querer saber e aprender, permitindo que ele desenvolva seu potencial, tanto intelectual quanto emocional, afinal o educando é um espírito reencarnado, e não pode-

mos esquecer desse enunciado que nos é feito pela doutrina espírita.

É assim que elaboramos o conceito do espaço de convivência no lugar da antiga e desgastada sala de aula. E quem não conhece a sala de aula? O educador fala, escreve no quadro, segue um currículo, aplica testes e provas, avalia por nota, indica os livros que devem ser lidos, tentando ensinar e fazer com que o educando aprenda. A participação dos educandos nesse processo é mínima e, muitas vezes, diante de enormes dificuldades, o educador finge que ensina e os educandos fingem que aprendem,



numa repetição burocrática de eventos que distanciam a educação de seu verdadeiro fim, pois que está substituída pela ensinagem.

Mas, o que é o espaço de convivência? É o ambiente, qualquer ambiente, e não precisa estar confinado entre quatro paredes, onde se desenvolvem aprendizados individuais e coletivos, onde os educandos formam grupos de trabalho e pesquisa, e não precisam obedecer idade e seriação, sendo orientados pelo educador na aquisição de conhecimentos e nas atividades práticas. Não é necessário ter um currículo pré-formatado, pois tudo acontecerá através de temas geradores (os eixos temáticos), com os educandos tendo liberdade de fazer escolhas, de fazer cada um seu próprio caminho.

O espaço de convivência, assim como o educador que se faz orientador, tanto quanto os temas geradores, podem ser implementados na escola propriamente dita, quanto na evangelização espírita, num ambiente humanizado e espiritualizado, e isso não significa que estejamos no terreno do ensino religioso, que é outra história, e que o Espiritismo entende como sendo a educação em valores morais, tendo por base o Evangelho.

No espaço de convivência, que é dinâmico e participativo, o educador tem o papel de planejador das atividades gerais, orientador do processo de descoberta e conhecimento, estimulador dos educandos no processo de aprendizagem, e facilitador da mediação de conflitos, que acontecem e devem ser encarados com naturalidade e

bom senso.

A postura do educador no espaço de convivência não é de dar aula, de ficar ensinando, mas de orientador e incentivador, de estimulador e instigador do educando para fazê-lo pensar e ir além do conhecimento teórico, colocando-o em aplicação na vida, sempre pensando no bem para todos. No espaço de convivência o educando deve entender e sentir como é bom o trabalho em grupo e a cooperação.

Está na hora de sepultarmos a aula expositiva, pois essa não é a proposta pedagógica espírita. Essa proposta foi muito bem entendida por dois educadores espíritas que muito admiramos: Walter Oliveira Alves e Ney Lobo, que nos legaram excelente trabalho teórico e prático, ao alcance de todos. E não poderíamos deixar de citar igualmente a educadora Lucia Moysés, com vários livros publicados e ampla prática pedagógica com base na doutrina espírita. E, claro, não podemos esquecer da valiosa contribuição de José Herculano Pires, com sua visão dinâmica sobre a pedagogia e a educação espíritas.

Se você é evangelizador ou evangelizadora no centro espírita, aqui estamos para lhe fazer um convite à reflexão e perguntar: por que não substituir a sala de aula pelo espaço de convivência, o currículo pelos temas geradores, o ensinar pelo trabalho de estudo e pesquisa em grupo?

Pense nisso, pois o que estamos necessitados de desenvolver é a educação do espírito, num processo de reflexão e prática dos ensinamentos morais do nosso Mestre Jesus, na realidade da vida eterna. **REE**

Educação, Espiritualidade, Inteligência Artificial e o risco da desculturação: um desafio do século XXI



Solange Araújo

Significativa a compreensão de que as atitudes verbais ou posturais utilizadas pela maioria das pessoas tem em relação a alguém com algum estigma, por mais esclarecidas que sejam, podem trazer desconfortos e constrangimentos desnecessários.

A inteligência artificial (IA) emergiu como uma das mais significativas transformações do nosso tempo, prometendo reformular profundamente a vida, interagir e ensinar. Na educação, os impactos dessa revolução digital já são visíveis: plataformas de aprendizagem adaptativa, assistentes virtuais, sistemas de avaliação automatizados e conteúdos gerados por algoritmos são apenas alguns exemplos de como a IA se infiltrou no cotidiano escolar e acadêmico. No entanto, apesar de seu imenso potencial, essa tecnologia levanta questionamentos cruciais, sobretudo quando consideramos a possibilidade de que ela possa afetar, ou até ameaçar, a identidade cultural, intelectual e espiritual dos indivíduos, desta forma, existe a possibilidade de perdermos nos-

sa identidade cultural, espiritual e intelectual em função de uma interação excessiva com a IA? A sociedade, ainda em processo de adaptação às rápidas mudanças tecnológicas, encontra-se dividida entre o entusiasmo com as promessas da IA e a apreensão diante dos seus efeitos colaterais. A velocidade com que essas tecnologias são introduzidas no ambiente educacional não tem sido acompanhada por uma reflexão crítica ampla, capaz de antecipar suas consequências sobre os aspectos mais subjetivos e humanos da formação.

Nesse contexto, resgatamos o conceito de “desculturação”, cunhado pelo antropólogo Darcy Ribeiro, para pensar os riscos de uma interação exacerbada com a IA. Para Ribeiro, desculturação refere-se à perda de traços culturais ou intelectuais de um grupo ou

Solange Araújo começou no Espiritismo aos 12 anos, no Instituto Kardecista da Bahia, em Salvador. É formada em História, pós graduada em História Moderna e Contemporânea, fez o curso de Educação e Espiritualidade e atualmente cursa a Pós Graduação EAD em Educação. Mora em Portugal.

indivíduo, frequentemente como consequência de um processo de aculturação em que os elementos culturais dominantes sobrepõem-se aos locais. Aplicando essa ideia ao uso educativo da inteligência artificial, podemos questionar se a adoção irrestrita de ferramentas automatizadas não estaria promovendo, de forma sutil, porém eficaz, uma nova forma de colonização: a digital.

Ferramentas de IA como o ChatGPT, por exemplo, são alimentadas por bases de dados gigantescas, compostas majoritariamente por produções oriundas de contextos culturais específicos, muitas vezes anglófonos. Quando tais sistemas se tornam mediadores do processo de ensino-aprendizagem, existe o risco de que eles passem a induzir tendências culturais e ideológicas que não necessariamente dialogam com as realidades locais dos estudantes. Se não houver uma preocupação clara com a diversidade de conteúdo e a neutralidade algorítmica, a IA pode acabar replicando visões de mundo homogêneas, eclipsando a pluralidade que caracteriza o conhecimento humano.

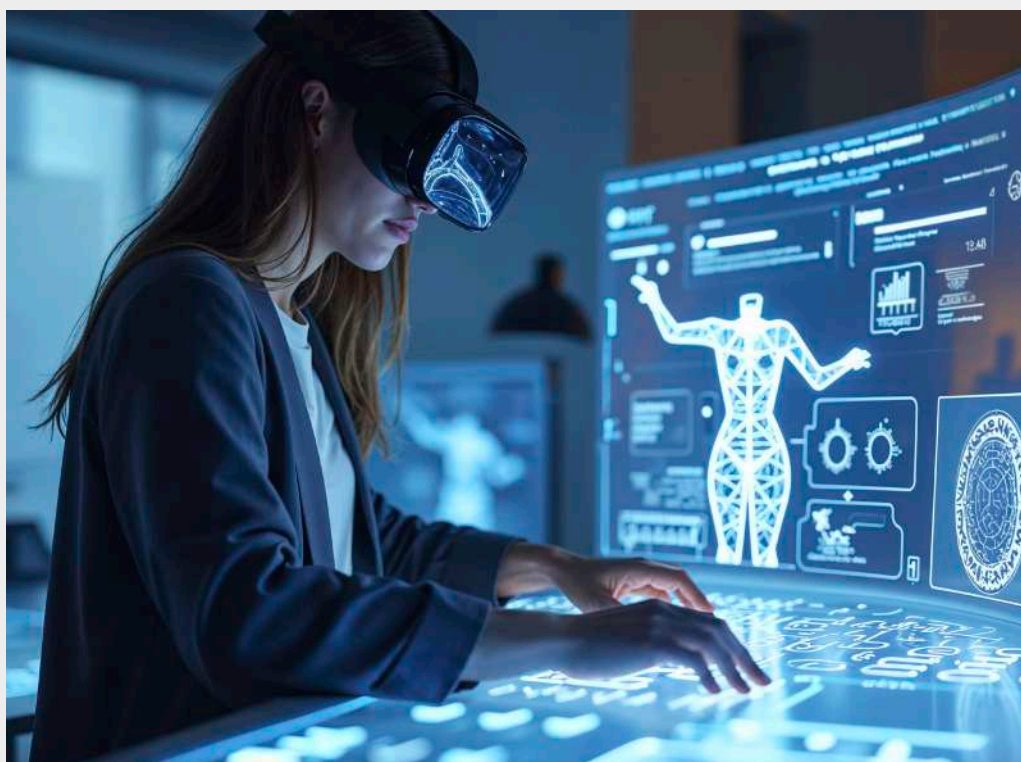
Essa homogeneização cultural não é um detalhe irrelevante. Ela interfere diretamente na construção da identidade dos usuários, que passam a consumir saberes descontextualizados e padronizados, dificultando a valorização de suas próprias tradições, referências e linguagens. Com isso, o ambiente escolar, que deveria ser um espaço de troca e valorização da diversidade, transforma-se em uma máquina de reprodução de

modelos hegemônicos, mascarados sob o manto da inovação tecnológica.

Além da dimensão cultural, há também uma preocupação com o impacto da IA sobre as habilidades socio emocionais e espirituais dos estudantes. A educação é um processo relacional, que envolve a construção de vínculos, a prática da empatia, o exercício da escuta e o desenvolvimento do pensamento crítico. Tais habilidades dificilmente podem ser fomentadas por sistemas automatizados, por mais avançados que sejam. Quando a tecnologia substitui a mediação humana, corre-se o risco de enfraquecer essas competências fundamentais para a vida em sociedade.

A espiritualidade, por sua vez, entendida aqui como uma conexão profunda com o sentido da existência, com o outro e com o transcendente, também pode ser afetada. A automatização do conhecimento, quando desprovida de reflexão crítica, tende a promover uma visão mecanicista da vida, na qual sentimentos, intuições e crenças são desvalorizados. Nesse cenário, torna-se mais difícil cultivar um senso de propósito, solidariedade e respeito pela diversidade espiritual.

Em entrevista ao jornal português Expresso, o reitor da Universidade do Minho, professor Rui Vieira de Castro, declarou que “O ChatGPT veio pôr isto tudo de pantanas”. Sua fala reflete uma percepção crescente de que, embora a IA ofereça soluções práticas e imediatas, ela também desestabiliza estruturas educacionais tradicionais, exigindo uma revi-



são urgente de valores, práticas e objetivos. Isso se torna ainda mais problemático quando percebemos que muitos usuários dessas ferramentas não possuem repertório crítico suficiente para analisar os conteúdos gerados. Tomam-se como verdade absoluta respostas produzidas por sistemas incapazes de compreender nuances, contextos ou subjetividades.

Com isso, voltamos à pergunta que motiva este artigo: existe a possibilidade de perdermos nossa identidade cultural, espiritual e intelectual em função de uma interação excessiva com a IA? A resposta, infelizmente, é afirmativa. O risco de desculturação pelo digital é real e cresce à medida que entregamos aos algoritmos a responsabilidade por mediar nosso aprendizado, nossas relações e até nossas crenças. A homogeneização do pensamento, a perda de

referenciais culturais próprios e a fragilização do espírito crítico são sintomas de um processo que, se não for cuidadosamente conduzido, poderá comprometer seriamente a formação integral do ser humano.

Diante desse desafio, surge outra indagação essencial: como manter a integridade cultural, associativa, relacional, intelectual e espiritual num processo educativo cada vez mais automatizado? A resposta exige ações coordenadas em múltiplas frentes. Em primeiro lugar, é urgente promover uma educação digital crítica, que capacite professores e alunos a compreenderem os limites da IA, analisarem suas respostas, questionarem suas premissas e usarem essas ferramentas como apoio e não como substituto do pensamento humano.

Além disso, os currículos esco-

lares devem valorizar os saberes locais e tradicionais, incorporando-os às práticas pedagógicas como forma de resistência à homogeneização cultural. É preciso também investir na formação continuada de professores, para que eles possam atuar como mediadores conscientes e éticos na interação entre estudantes e tecnologia. A educação deve continuar sendo um espaço de encontro, diálogo e construção coletiva, mesmo quando mediada por ferramentas digitais.

Outro ponto fundamental é a regulamentação ética do uso de IA na educação. Governos, instituições de ensino e empresas de tecnologia precisam estabelecer parâmetros claros para o desenvolvimento e a aplicação dessas ferramentas, assegurando a proteção da diversidade, a equidade no acesso e a preservação dos direitos humanos.

Por fim, é necessário reconhecer e fortalecer a dimensão espiritual do processo educativo. Isso não significa promover religiões específicas, mas sim criar espaços para a reflexão sobre o sentido da vida, o respeito ao outro, a solidariedade, a generosidade e a busca por uma existência mais plena e justa. Essas são qualidades que nenhuma máquina poderá desenvolver em nosso lugar e que talvez sejam justamente as mais necessárias para lidar com os desafios do futuro.

Considerações Finais

A inteligência artificial representa, sem dúvida, uma revolução no campo da educação. Seus be-

nefícios são inegáveis e seu potencial transformador, imenso. No entanto, é preciso reconhecer que ela também impõe desafios profundos, especialmente no que diz respeito à preservação da identidade cultural, ao desenvolvimento das habilidades socio emocionais e à manutenção da espiritualidade. A tecnologia deve estar a serviço da educação e não o contrário. Para isso, será necessário um esforço coletivo: das instituições, dos educadores, dos governos e da sociedade como um todo. Somente assim poderemos garantir que o uso da IA na educação contribua para a emancipação dos indivíduos e para a construção de um mundo mais justo, plural e humano e não para sua homogeneização ou desumanização.

Referências

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Cia. das letras, 2006.

SILVA, Rui Duarte. Rui Vieira de Castro, reitor da UMinho: “O ChatGPT veio pôr isto tudo de pantanas”. *Jornal Expresso*, Lisboa, 21 de junho de 2023. Disponível em: <<https://expresso.pt/50anos/2023-06-21-Rui-Vieira-de-Castro-reitor-da-UMinho-O-ChatGPT-veio-por-isto-tudo-de-pantanas-609db92f>>. Acesso em: março de 2025.

[Publicado originalmente na Revista Internacional de Espiritismo, ano C, nº 7, agosto de 2025]. **REE**

Eurípedes Barsanulfo e Carolina de Jesus



Lucas Evangelista

Assim, a trajetória de Carolina Maria de Jesus – aluna e depois escritora de renome – ilustra a eficácia da visão pedagógica espírita de Eurípedes Barsanulfo e reforça a crença de que a verdadeira mudança nasce quando respeitamos as inclinações do espírito e nutrimos cada centelha de talento com amor e confiança, conduzindo-a pelos caminhos da moral e do desenvolvimento das virtudes.

Pode parecer improvável encontrar um vínculo direto entre Eurípedes Barsanulfo e Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus, mas a análise revela conexões profundas, que ultrapassam as fronteiras do tempo e do espaço.

Carolina de Jesus foi uma das escritoras negras brasileiras mais potentes do século XX, pioneira na literatura urbana e voz ativa contra as injustiças sociais. Em Quarto de Despejo, seu livro de estreia publicado em 1960, ela narra em linguagem concisa e impactante o cotidiano de catadora de papel na favela do Canindé, a luta perma-

nente contra a fome e as dificuldades atroz que enfrentou para sustentar a si mesma e aos filhos.

Obedecendo a um impulso genuíno, Carolina transformou as dores e batalhas registradas em seu diário em um relato que mescla crônica e meditação, realismo e simbolismo, imprimindo à sua escrita uma força única. Após a publicação, consolidou-se como uma das autoras negras brasileiras mais famosas da literatura no país, com obras traduzidas em mais de 15 idiomas, levando ao público mundial a voz da periferia.

O encontro marcante

Em outro livro seu, Diário de Bi-

Lucas Evangelista é educador e reside em Limeira/SP.

tita, Carolina relembra sua infância:

“ – Um dia, ela deu-me pinga para beber. Adormeci e não chorei. Siá Maruca sorriu comentando: ‘Acertei o remédio para você. [...]’

Quando a minha mãe chegou do trabalho e não me ouviu chorar, foi averiguar. Eu estava inconsciente. Minha mãe pegou-me e levou-me ao médico espírita, o senhor Eurípedes Barsanulfo. Ele olhou-me, sorriu e disse-lhe:

– Ela está embriagada, deram-lhe álcool para beber e adormecer.

Minha mãe queixou-se de que eu chorava dia e noite. Ele explicou que meu crânio não tinha espaço suficiente para alojar os miolos, que ficavam comprimidos, causando dor de cabeça, e profetizou:

– Até aos vinte e um anos, você vai viver como se estivesse sonhando; sua vida será atabalhoada. Mas ela vai adorar tudo que é belo! A tua filha é poetisa; pobre Sacramento, do teu seio sai uma poetisa. Hei de auxiliá-la sempre.”

Em seguida, receitou remédios para a expulsão do álcool do corpo e reforçou a promessa de amparo.

A pedagogia espírita de Eurípedes Barsanulfo

Dentro dos moldes da pedagogia espírita, Eurípedes via em cada indivíduo uma centelha divina e respeitava inclinações e talentos naturais. Seu olhar cuidadoso — a “beleza do olhar” — valorizava o potencial de cada aluno, procurando estimular a criatividade e o autoconhecimento, não apenas por métricas isoladas, mas recordan-

do casos reais de transformação interior. A educação, para ele, era ferramenta de elevação moral e intelectual, capaz de moldar consciências e libertar espíritos.

Mesmo após apenas dois anos sob sua tutela — dos sete aos nove anos de idade —, Carolina alimentou o desejo de escrever. Foi nessa escola que, em poucos meses (entre três e cinco meses), aprendeu a ler e a escrever, descobrindo o poder das palavras como sustento para uma vida marcada pela dor e pelo sacrifício.

Esse episódio é um caso de sucesso do Colégio Allan Kardec, fundado por Eurípedes Barsanulfo em 1907, em Sacramento (MG), e referência na doutrina espírita de educação transformadora. Segundo a pedagogia espírita, a educação não pode se limitar a padrões rígidos; deve lembrar e aplicar exemplos de quem, de fato, se transformou pela prática do Evangelho e pela vivência da caridade e, além disso, transformar-se em catalisador do bem no coração e na vida do outro.

Assim, a trajetória de Carolina Maria de Jesus — aluna e depois escritora de renome — ilustra a eficácia da visão pedagógica espírita de Eurípedes Barsanulfo e reforça a crença de que a verdadeira mudança nasce quando respeitamos as inclinações do espírito e nutrimos cada centelha de talento com amor e confiança, conduzindo-a pelos caminhos da moral e do desenvolvimento das virtudes.

“A tua filha é poetisa; pobre Sacramento, do teu seio sai uma poetisa.”

REE

Autoeducação

Trata-se de refletir sobre o assunto e no cotidiano das situações exercitar a prática. Sempre estaremos envolvidos por situações onde é preciso perdoar, onde é preciso coragem ou iniciativa, onde a solidariedade pede presença.



Orson Peter Carrara

O dinâmico processo de viver, aprender, progredir e especialmente aprimorar-se no intelecto e na moralidade, estabeleceu valiosas experiências nos relacionamentos com terceiros e, claro, consigo mesmo, na individualidade. Afinal, o amadurecimento psicológico-emocional é fator preponderante para o equilíbrio diante dos gigantescos desafios de viver em harmonia. Especialmente se pensarmos na velha questão do auto encontro, pois que muitos de nós nos esmeramos em diversas

atividades para além da própria intimidade, auxiliando muita gente, distribuindo conhecimento, e nos esquecemos de auxiliar a nós mesmos.

A maior tarefa é da autoeducação, do auto aprimoramento. Somos pródigos no aconselhamento para terceiros e nos debatemos em aflições quando as adversidades nos atingem diretamente, esquecendo-nos de que o que falamos deveríamos usar primeiro em favor próprio, equilibrando as próprias emoções.

Dentre os fatores do dinamismo da vida está a transformação

Orson Peter Carrara reside em Matão (SP), é escritor e palestrante espírita.

trazida pelo fenômeno biológico da morte. É um fenômeno natural, integrante desse processo todo, uma vez que somos mortais apenas no corpo, pois que imortais como seres inteligentes.

As conquistas e dificuldades continuam, pois ela, a morte, não anula, nem simplifica as dificuldades, uma vez que levamos o equilíbrio ou a desarmonia interior, conosco. Uma vida moral e emocionalmente equilibrada desde já resultará num futuro também equilibrado, como espírito livre da matéria. Uma mente, por sua vez, emocional e moralmente desequilibrada, levará para a vida espiritual um indivíduo desequilibrado, requerendo as mesmas providências que nos são exigidas continuamente durante a vida corpórea.

Tais reflexões são resultantes da leitura do capítulo 15 – *Os inimigos desencarnados*, constante do livro *Tramas do Destino*, edição FEB, na psicografia de Divaldo Franco e de autoria do Espírito Manoel Philomeno de Miranda. Afirma o autor no citado capítulo:

“(…) Não sendo a morte outra coisa senão um instrumento da vida estuante em toda parte, a desencarnação não anula, nem simplifica as dificuldades. Cada um se desenrola dos liames físicos consoante a força vitalizadora de que se utilizava na sua sustentação. Transferem-se de uma para a outra posição da realidade espiritual os sentimentos cultivados, as aspirações irrealizadas, as fixações, os resíduos morais. (...) Cada um desencarna conforme se encon-

tra reencarnado. Os conflitos não equacionados, como os ódios e os amores, prosseguem com maior volúpia. (...)”.

Por isso é importante o esforço desde já no equacionamento dos conflitos que ainda trazemos, nos distúrbios emocionais e psicológicos, arejando a mente com os recursos valiosos da alegria de viver, da confiança em Deus, da resignação ativa e do trabalho no bem.

E isso pode começar com uma virtude sempre esquecida: a gratidão. Sim, a gratidão, que é valioso ponto de apoio ou alavanca incomparável para início dessa trajetória de progresso. Aprendermos a agradecer. Há muitas razões para isso, basta parar para pensar um pouco...

Por isso, a valiosa informação no mesmo capítulo:

“(…) O conhecimento da vida espiritual representa valiosa aquisição para a responsabilidade e a ascensão do indivíduo (...)”.

ascensão e a responsabilidade individuais são conquistas da alma, determinadas pela Sabedoria Divina, por meio da Lei do Progresso.

Viver é, pois, prosseguir aprendendo. Muitos, diante dos desafios, desejam fugir da vida e dos desafios. Alguns se entregam ao equívoco do suicídio ou à perda do encantamento pelas maravilhas da vida e suas riquezas. Não adianta. A lei da vida é dinâmica e nos determina o progresso contínuo. Por isso, acionemos a poderosa alavanca da vontade, le-

vantemo-nos de nossas fraquezas e sigamos adiante. A morte não muda o que somos, e como diz o autor espiritual na obra em referência, não anula nem simplifica as dificuldades. Essas deverão ser superadas com o contínuo aprendizado decorrente dos enfrentamentos inevitáveis da evolução.

O que se percebe, notadamente, é que tudo isso é uma questão de exercícios. Assim como o condicionamento físico, o aprimoramento moral, a aquisição de virtudes, também ocorrem por meio de exercícios. De reflexão mesmo e de prática continuada.

Trata-se de refletir sobre o assunto e no cotidiano das situações exercitar a prática. Sempre estaremos envolvidos por situações onde é preciso perdoar, onde é preciso coragem ou iniciativa, onde a solidariedade pede presença. Também seremos defrontados por situações que pedem paciência e tolerância ou testam nossa capacidade de não desistir. Encontraremos igualmente ocorrências que avaliam nossa honestidade e mesmo nossa fé. Não faltarão evidências que nos colocam nos desafios da verdade ou no silêncio às maledicências, às tentações da crítica e mesmo em segurar a ansiedade e conter a revolta.

Tais ocorrências nos testam e nos pedem exercitar na aquisição das virtudes. Fidelidade ao bem, respeito às diferenças, assiduidade e pontualidade nos compromissos estão também nesses mecanismos que vão exigir renúncias ao autoritarismo, aos abusos e explorações de toda espécie, mas também pedirão perseverança e dispensa

da vaidade e do egoísmo.

São todas oportunidades de treinamento para que incorporem em nós mesmos os valores que sublimam a alma e trazem as conquistas definitivas.

É, portanto, um processo de autoeducação.

Estamos dispostos? Sem essa providência não galgaremos degraus novos no processo evolutivo.

Por isso, com a clareza do pensamento espírita, nossa gratidão à fabulosa e incomparável obra da Codificação Espírita, de Allan Kardec, que tão bem nos situa nesse gigantesco processo. **REE**



Adelaide Câmara

Em 1924, voltou-se para o campo da assistência às crianças órfãs e à velhice desamparada. Após três anos de esforços, o confrade João Carlos de Carvalho, que estava a angariar donativos e meios para a fundação de uma instituição para os mesmos fins, entregou-lhe a lista para que a médium obtivesse novas contribuições. Poucos dias depois, Carvalho faleceu, deixando a médium de posse da lista e dos recursos arrecadados.

Ela se destacou na cidade do Rio de Janeiro, exercendo seu trabalho como poetisa e professora. Assinava seus textos com o pseudônimo Aura Celeste, e dedicou boa parte de sua vida às crianças órfãs. Foi mãe e educadora para centenas de crianças. Vamos conhecer um pouco de seu trabalho numa época em que as dificuldades eram maiores que as facilidades.

Adelaide Augusta Câmara, melhor conhecida como Aura Celeste (Natal, 11 de janeiro de 1874 - Rio de Janeiro, 24 de outubro de 1944) foi uma médium, poeta, conferencista, contista e educadora espírita brasileira.

De religião protestante, veio para a então capital federal em janeiro de 1896, graças ao auxílio de alguns amigos, que a indicaram para lecionar no Colégio Ram Williams. Após algum tempo, organizou, em sua própria residência, um curso primário, onde alfabetizou diversos nomes de futuro destaque no meio político e social

do país.

Neste período, em 1898, manifestaram-se as suas faculdades mediúnicas. Sob a orientação de Bezerra de Menezes, iniciou os trabalhos como médium psicógrafa no Grupo Ismael, na Federação Espírita Brasileira. Pouco depois, como médium auditiva, entregou-se à divulgação da doutrina espírita, fazendo palestras e receitando, o que lhe trouxe projeção nacional.

Após a morte de Bezerra de Menezes (1900), a médium aproximou-se de Inácio Bittencourt, passando a colaborar no Círculo Espírita Cáritas.

Casou em 1906, período em que se afastou da divulgação ativa nos Centros. Em sua residência, entretanto, continuou o trabalho de psicografia, trazendo à luz a obra “Do Além”, em 21 fascículos, e “Orvalho do Céu”, as quais assinou com o pseudônimo “Aura Celeste”.

Em 1920, retornou às tribunas e aos trabalhos mediúnicos, voltando a atender os tratamentos espirituais, sob a influência do médico espiritual, Dr. Joaquim



Murtinho. Os seus biógrafos referem que, além das faculdades de incorporação, audição, vidência, psicografia, cura e intuição, a médium ainda possuía a da bilocação ou bicorporeidade, sendo referidas curas em diversos pontos do país, como Juiz de Fora e Corumbá.

Em 1924, voltou-se para o campo da assistência às crianças órfãs e à velhice desamparada. Após três anos de esforços, o confrade João Carlos de Carvalho, que estava a angariar donativos e meios para a fundação de uma instituição para os mesmos fins, entregou-lhe a lista para que a médium obtivesse novas contribuições. Poucos dias depois, Carvalho faleceu, deixando a médium de posse da lista e dos recursos arrecadados.

Meses mais tarde, o proprietário da Casa Lopes, que iniciara o estudo da doutrina espírita, mostrou-se interessado na organização de uma instituição de amparo e assistência aos órfãos, sendo informado pela médium de que esta possuía uma lista com alguns donativos para esse fim. Unindo esforços, alugaram uma casa no bairro de Botafogo, aí instalando, em 13 de março de 1927, o Asylo Espírita João Evangelista, sendo ela a sua primeira diretora, função que exerceu até a data de sua desencarnação.

Obra literária

Como autora, deixou diversas obras de cunho lítero-doutrinário, em prosa e verso, geralmente assinadas com o seu pseudônimo

(Aura Celeste). Entre essas obras destacam-se: Vozes d'Alma (versos); Sentimentais (versos); Aspectos da Alma (contos); Palavras Espíritas (palestras); Rumo à Verdade; Luz do Alto.

Publicou diversos artigos doutrinários e poesias de sua autoria em jornais e revistas espíritas.

A educadora

Adelaide Câmara notabilizou-se como educadora na direção do Asylo Espírita João Evangelista.

Após aquisição do imóvel de nº 92 na rua Visconde de Silva, no bairro do Humaitá, em 13 de maio de 1927 foi inaugurada a sede em que a instituição funciona até aos nossos dias. No mesmo período, Adelaide Câmara deu início aos trabalhos públicos, com reuniões de estudo e passes.

No contexto da Segunda Guerra Mundial, em 20 de agosto de 1941 foi efetuada a aquisição da casa vizinha, de nº 96, com o objetivo de atender à expansão das atividades da instituição.

Constituiu-se numa associação beneficente espírita, que atende crianças carentes de 3 a 15 anos, do sexo feminino.

Allan Kardec defendeu, em 1868, nas páginas da "*Revista Espírita*", a criação de um asilo espírita. No Brasil, o Asylo Espírita João Evangelista é o primeiro a ser referido nas páginas da revista Reformador, da Federação Espírita Brasileira, o que permite supor que se trate da primeira instituição com essas características no país. **REE**

Atividade prática: Uma outra forma de trabalhar na Evangelização Infantil



As classes de evangelização deverão ser formadas com três faixas etárias constituindo a classe. A idade mínima que a criança deverá ter para participar desse processo interativo de ensino é 3 a 3 anos e meio.

Adalgiza Campos Balieiro

Ao nos propormos uma reorganização em nosso trabalho de evangelização, sugerimos que o consideremos sob três aspectos, a saber: estrutura, forma e conteúdo.

Estrutura

Quando falamos de estrutura estamos nos referindo à organização das classes e sistemática de trabalho (organização de horário, utilização do tempo de aula), incluindo nesse item aspectos do funcionamento da evangelização em geral.

As classes de evangelização deverão ser formadas com três faixas etárias constituindo a classe. A idade mínima que a criança deverá ter para participar desse processo interativo de ensino é 3 a 3 anos e meio. Assim, a partir dessa idade cada classe será constituída com três faixas etárias. Por exemplo, a primeira classe, a dos iniciantes,

será formada por crianças de 3, 4 e 5 anos de idade. Outras classes serão formadas por crianças de 6 a 10 anos de idade. Um outro grupo receberá crianças de 10 a 14 anos. As classes formadas com as crianças dos 6 aos 10 anos serão todas intermediárias, e poderão ser constituídas com crianças de 6, 7 e 8 anos, e outras de 8, 9 e 10 anos. Todas elas serão intermediárias, visto que se encontram entre as classes dos iniciantes, de 3, 4 e 5 anos e os de pré-adolescentes, que compreendem jovens de 11, 12 e 13 anos de idade.

O nome com o qual designamos as classes não é o mais importante. Servindo apenas para sua identificação; no entanto, não guarda nenhuma relação com o conteúdo nela trabalhado. Poderemos optar, por exemplo, por identificá-las pelas cores, ou ainda ter mais de uma classe intermediária iniciante etc. O grupo de evangelizadores poderá decidir pela nomenclatura

Adalgiza Campos Balieiro é Pedagoga, Especialista em Psicologia Educacional e Mestre em Educação pela Universidade Federal de São Carlos. Desenvolve projeto pedagógico na Escola Interativa, em Ribeirão Preto/SP. Foi dirigente do Departamento de Evangelização da Infância da USE-SP.

a ser usada. As crianças com idade inferior a 3 anos deverão constituir uma classe à parte. O programa para esta faixa etária se desenvolve com a presença dos pais ou responsáveis pelas crianças. Da mesma forma os pré-adolescentes a partir dos 14 anos deverão receber tratamento especial, constituindo-se numa classe à parte. Devemos considerar intermediária a classe logo acima dos iniciantes, e até a faixa dos pré-adolescentes.

A organização das classes não guarda nenhuma relação com a capacidade de escrita que a criança já tenha ou não desenvolvido. Os conteúdos quando solicitados podem ser desenhados ou escritos, dependendo das condições que cada criança apresente para o trabalho. Nesse sentido, o princípio da solidariedade é amplamente vivenciado, através das trocas de experiências que o grupo apresentar. Considera-se aqui que o desenho possa aos poucos ser substituído pela escrita, sendo que ambos são considerados como expressão da compreensão do trabalho realizado.

Via de regra o trabalho de evangelização dura uma hora, não incluindo aí os trabalhos complementares de canto coral, ensaio de festas etc, que se realizam com o grupo todo ou com grupos específicos de crianças. Assim, sugere-se que este período seja dividido em duas partes com duração variável para cada uma delas, atendendo à faixa etária da classe.

Teremos, para exemplificar, para as crianças menores, 20 minutos de aula propriamente dita e 40 minutos de atividades complementares (desenhos, poesia, música, jogos,

vivências etc). Para as classes do intermediário 30 minutos de aula e 30 de atividades complementares. E finalmente a classe dos maiores que terão 40 minutos de aula e 20 para atividades complementares.

Com a intenção de não deixar as crianças afastadas, sem uma noção de conjunto, aconselha-se que sejam mantidas atividades grupais, que poderão ser realizadas no início ou no fim dos trabalhos. Por exemplo, poderemos iniciar com música coletiva e a prece no grupo maior. Reserva-se o encerramento para um relato rápido de cada classe aos demais, das atividades desenvolvidas no seu grupo, e faz-se então a prece final. É importante manter uma boa frequência entre as atividades de grupo por faixa etária e atividades onde todos possam estar juntos.

Procurando sempre propor uma maior interação do trabalho da evangelização com os demais mantidos pela casa espírita, aconselha-se que uma vez por mês as crianças da evangelização, de qualquer grupo, participem da reunião dos adultos. Elas poderão apresentar suas poesias, cantos e mesmo conteúdos de seus estudos através de pequenas palestras, contando histórias ou vivências. Procura-se com isso preservar a noção do todo na criança, dando-lhe a informação de que para além do trabalho que ela realiza, qual seja o de evangelização, existem outros dos quais ela deverá participar um dia.

(Continuaremos a publicação no próximo número).

(Do livro Contribuições às reflexões sobre as práticas evangelizadoras da infância, Edições USE). REE

O Espiritismo na arte



Léon Denis

O conhecimento das vidas sucessivas do ser, sua ascensão dolorosa através dos séculos, o ensino dos espíritos sobre a questão grandiosa do destino, lançaram, sobre toda a História, uma luz inesperada, e proporcionarão ainda aos romancistas, aos poetas, temas de drama, motivos de elevação, todo um conjunto de recursos intelectuais que ultrapassarão em riqueza tudo o que o pensamento pôde conhecer até aqui.

A beleza é um dos atributos divinos. Deus pôs nos seres e nas coisas esse encanto misterioso que nos atrai, nos seduz, nos cativa e enche a alma de admiração, às vezes de entusiasmo.

A arte é a busca, o estudo, a manifestação dessa beleza eterna da qual percebemos, aqui na Terra, apenas um reflexo. Para contemplá-la em todo o seu esplendor, em todo o seu poder, é preciso subir de grau em grau em direção à fonte de onde ela emana, e isso é uma tarefa difícil para a maioria entre nós. Pelo menos, podemos conhecê-la pelo espetáculo que o Universo oferece aos nossos sentidos e também pelas obras que ela inspira aos homens de gênio.

O Espiritismo vem abrir para a arte novas perspectivas, horizontes sem limites. A comunicação que ele estabelece entre os mundos

visível e invisível, as indicações fornecidas sobre as condições da vida no Além, a revelação que ele nos traz das leis de harmonia e de beleza que regem o Universo vêm oferecer aos nossos pensadores, aos nossos artistas, motivos inesgotáveis de inspiração.

A observação dos fenômenos de aparições proporciona aos nossos pintores imagens da vida fluídica da qual James Tissot já pôde tirar proveito nas ilustrações da sua Vida de Jesus. Os oradores, os escritores, os poetas neles encontrarão uma fonte fecunda de ideias e de sentimentos. O conhecimento das vidas sucessivas do ser, sua ascensão dolorosa através dos séculos, o ensino dos espíritos sobre a questão grandiosa do destino, lançaram, sobre toda a História, uma luz inesperada, e proporcionarão ainda aos romancistas, aos poetas, temas de drama, motivos de elevação, todo um conjunto de recursos intelectuais que ultrapassarão em

*Léon Denis
(1846-1927),
pensador e escritor
espírita francês,
foi considerado o
continuador da obra
de Allan Kardec,
tendo sido defensor
da educação, e
participado de
congressos espíritas
na Europa*

riqueza tudo o que o pensamento pôde conhecer até aqui.

Quando refletimos em tudo quanto o Espiritismo traz para a humanidade, quando pensamos nos tesouros de consolação e de esperança, na mina inesgotável de arte e de beleza que ele vem lhe oferecer, nós nos sentimos cheios de piedade por esses homens ignorantes ou pérfidos, cujas críticas malévolas não têm outro objetivo senão desacreditar, ridicularizar e mesmo asfixiar a ideia nascente cujos benefícios já são tão sensíveis. Evidentemente, essa ideia, em sua aplicação, necessita um exame, um controle rigoroso; mas a beleza que emana dessa ideia se revela deslumbrante para todo pesquisador imparcial, para todo observador atento.

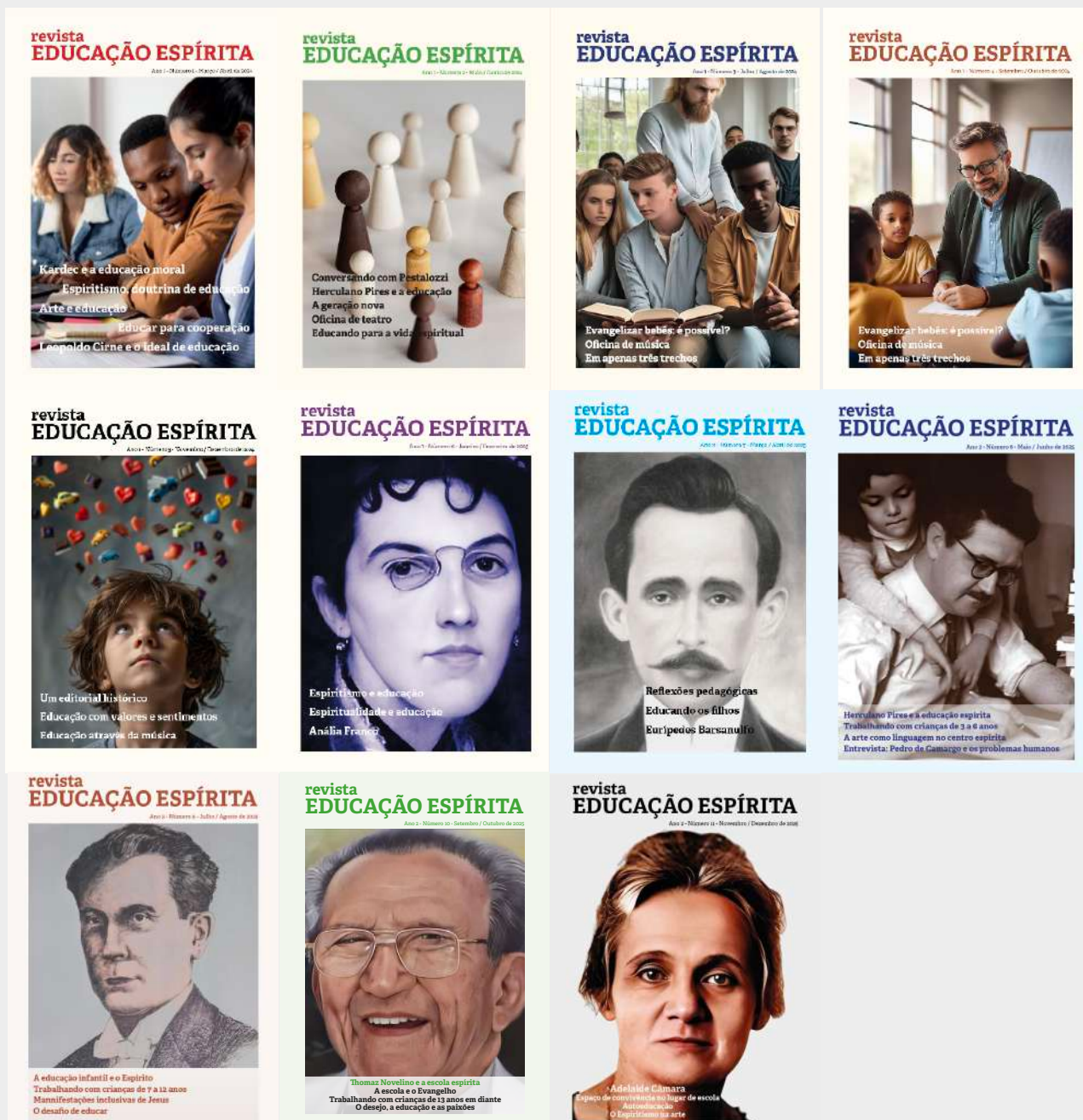
O materialismo, com o seu sopro dessecante, havia esterilizado a arte. Essa se arrastava no realismo degradante sem poder se elevar até os cumes da beleza ideal. O Espiritismo veio lhe dar um novo estímulo, um impulso mais vivo através das alturas onde ela encontra a fonte fecunda das inspirações e a sublimidade do talento.

Dissemos que o objetivo essencial da arte é a procura e a realização da beleza; é, ao mesmo tempo, a procura de Deus, pois que Deus é a fonte primeira e a realização perfeita da beleza física e moral. Quanto mais a inteligência se apura, se aperfeiçoa e se eleva, mais se impregna da idéia do belo. O objetivo essencial da evolução, portanto, será a procura e a conquista da beleza, a fim de realizá-la no ser e nas suas obras. Tal é a norma da alma na sua ascensão infinita.

Nisso já se impõe a necessidade das vidas sucessivas como meio de adquirir, por esforços contínuos e graduados, um sentido sempre mais preciso do bem e do belo. Os inícios são modestos aqui na Terra, a alma se prepara primeiro nas tarefas humildes, obscuras, apagadas, depois, pouco a pouco, por novas etapas, o espírito adquire a dignidade de artista. Mais elevado ainda, ele se abrirá às concepções vastas e profundas, que são o privilégio do gênio, e se tornará capaz de realizar a lei suprema da beleza ideal.

(Do livro *Espiritismo na Arte*, CELD Editora). **REE**





Campanha para NOVOS Assinantes

Já somos mais de 1.800, vamos aumentar esse número?

A assinatura da *Revista Educação Espírita* é **gratuita**.

Espalhe o link de cadastro para seus amigos e em suas redes sociais:

 bit.ly/revista-educacao-espirita

Abrços,
Marcus De Mario, Editor-chefe

Divulgando

Redação

FUNDAÇÃO HERCULANO PIRES

A Fundação Maria Virgínia e J. Herculanopires é uma instituição sem fins lucrativos, ligada à memória de José Herculanopires e sua esposa Maria Virgínia, grandes defensores e divulgadores da doutrina espírita. Tem como objetivo conservar, recolher material e divulgar o acervo de Herculanopires: sua obra poética, literária, filosófica e doutrinária. Visa, através da conservação e disponibilização de livros, artigos, crônicas, gravações, palestras, iconografia etc., dar continuidade à divulgação da doutrina espírita, da qual foi um diligente divulgador, por meio da tradução e comentários das obras de Allan Kardec.

Acesse www.fundacaoherculanopires.org.br



INSTITUTO ESPÍRITA DE EDUCAÇÃO

O IEE, como é carinhosamente chamado pelos seus frequentadores, possui cursos de iniciação à doutrina, programação planejada de palestras para suas três reuniões públicas, com passes, cursos de desenvolvimento mediúnico, atendimento fraterno e atendimento espiritual, e trabalhos mediúnicos. A história do Instituto Espírita de Educação remonta a 1947, ano de fundação da então denominada União Social Espírita Estadual – USE, atualmente chamada União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo. O Departamento de Educação, fundou o Instituto Espírita de Educação, já em 1949, com o objetivo de estabelecer escolas infantis com base na doutrina.

Acesse ieesp.org.br



INSTITUTO ESPÍRITA
DE EDUCAÇÃO

PORTAL LUZ ESPÍRITA

O Portal Luz Espírita é o site oficial da Fraternidade Luz Espírita, uma so-

ciiedade virtual sem fins lucrativos, motivada pelo trabalho de estudo, pesquisa e divulgação da Doutrina Espírita – Espiritismo –, além da confraternização entre todos aqueles que ensinam esses mesmos objetivos, com ênfase na utilização da Internet – como meio de promoção e distribuição de mídias doutrinárias e aproximação de recursos humanos. A Fraternidade Luz Espírita é essencialmente fundamentada segundo os conceitos do Espiritismo, que consideramos a doutrina que melhor nos orienta e nos fortalece em nosso aperfeiçoamento espiritual.. Acesse www.luzespirita.org.br.



Portal Luz Espírita 

Pensando a educação

Se você deseja partilhar, com sinceridade, a experiência cristã, comece a viver, entre as paredes de sua própria casa, segundo os princípios sublimes que abraçou com Jesus.

Irmão X, em *Correio Fraterno*, FEB Editora.

Ainda que todos os sacrifícios e todos os progressos de redenção humana falhassem na obra cristã de salvação dos seres humanos, restaria a oportunidade de tudo reconstruir a partir das crianças - as sementes divinas da Humanidade renascente.

Jean-Jacques Rousseau, em *Sublime Sementeira*, FEB Editora.

Todas as chagas morais são provenientes da má educação. Reformá-la, colocá-la sobre novas bases traria à Humanidade consequências inestimáveis. Instruamos a juventude, esclareçamos sua inteligência, mas, antes de tudo, falemos ao seu coração, ensinemos-lhe a despojar-se das suas imperfeições. Lembremo-nos de que a sabedoria por excelência consiste em nos tornarmos melhores.

Léon Denis, em *Depois da Morte*, FEB Editora.

O Espiritismo é doutrina eminentemente educativa. Com as luzes que projeta sobre a alma humana, resolve todos os problemas do ser, do destino e da dor. Dirigido à criança, toma no presente as mãos do homem do futuro e prepara-o para as lides da imortalidade triunfante.

Lins de Vasconcellos, em *Crestomatia da Imortalidade*, LEAL Editora.

Em nome de Jesus, que dizes amar, compadece-te de mim (criança)! Ajuda-me hoje para que eu te ajude amanhã. Não te peço o máximo que alguém talvez te venha a solicitar em meu benefício... Rogo apenas o mínimo do que me podes dar para que eu possa viver e aprender.

Meimei, em *O Espírito da Verdade*, FEB Editora.